



Matrigestando saberes com crianças moçambicanas: o cuidado com as machambas enquanto (re) existência
Gestating Knowledge with Mozambican Children: Caring for the Machambas as (Re)Existence

CARMO, Monalisa Aparecida do¹:

¹ Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), monalisacarmo3@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Infâncias e Agroecologia

Resumo: Este estudo tem o objetivo de identificar as práticas de resistência que compõem o cotidiano de maternagem e infâncias moçambicanas de uma comunidade na zona rural de Maputo. Para isso, me direciono a pensar uma maternagem que está além da definição biológica, o que envolve pessoas que cuidam e de quem se cuida, chamando atenção para uma infância que é continuidade, mas principalmente humanizada. A mobilização para encontros propostos e inesperados, me direcionam no sentido de construir uma cartografia, o que coloca constantemente a necessidade de me assumir junto aos processos investigativos, me abrindo aos *acontecimentos* enquanto orientadores para as entrevistas. Esse caminho me direciona a identificar o cuidado com as machambas, espaço que se aproxima ao que entendemos como agricultura familiar, percebendo-as como um saber tradicional compartilhado na relação entre quem materna e crianças.

Palavras-chave: infância; maternagem; moçambique; machamba; (re)existência.

Introdução

Os conceitos e debates em torno da maternidade ocidental não levam em consideração as nuances da maternidade africana e afro-diaspórica. Ao trazemos esses corpos com protagonismos no debate, somos provocadas a discutir sobre perspectivas em que, maternar envolve comunidade e infâncias. Envolve uma busca pela sobrevivência de si e dos seus, trocas de afeto que são desafiadas por uma educação de enfrentamento para sobrevivência e fortalecimento; uma relação familiar e comunitária amparada em princípios africanos que carregam uma herança ancestral do povo preto.

Isso me direciona a uma maternagem que está além da definição biológica, o que envolve pessoas que cuidam e de quem se cuida. Nessa busca, vou de encontro com Oyèwùmí (2016), socióloga nigeriana que possibilita compreender a importância em identificar outros modos de pensar existências africanas, de modo que a noção de *Íya*, não aparece na individualidade; está relacionada a prole, reconhecendo uma procriação que reconhece os sujeitos que mudam a condição desse sujeito adulto, sem hierarquizações binarizadas, “porque seu raciocínio e significado derivam do papel de *íyá* como cocriadora, com *Elédàà* (Quem Cria), dos seres humanos...” (OYÉWÙMÍ, 2016, p.3)



Dessa forma, as crianças emergem enquanto prole e uma continuidade humanizada de se pensar sociedade, ou seja, não é como “uma personalidade que pode ser construída, moldada pelos pais segundo as condutas que a família tomará como modelo para conduzir sua criação baseada nas várias linhas que atravessam a família” (ABRAMOWICZ et.al, 2011, p. 28). Prole e cocriação se relacionam numa interação entre crianças e comunidade, o que me leva ao provérbio africano: “É preciso uma aldeia para se educar uma criança”. De acordo com Renato Nogueira (2019), “O tempo da adulticidade. E, o tempo da infância (NOGUEIRA, 2019, p.61).” Nesse sentido, pensando nas cocriações, passo a me questionar sobre as estratégias de resistência que são construídas por quem cria para com sua prole, ou seja, de quem gesta infâncias em suas potencialidades; entendendo assim que, são formas de matrigestar infâncias. A partir desses deslocamentos, questionamentos e inquietações, me direciono a Chinonanquila, uma comunidade rural localizada no interior de Moçambique. Conhecida pela preservação das machambas¹, levanto as seguintes perguntas: a) a relação com a terra emerge entre como resistência? As crianças estão inseridas nesse contato com a agricultura?

Metodologia

A mobilização para construção de um estudo que reconheça os processos e subjetividades provocadas, diante dos encontros propostos e inesperados, me direcionam no sentido de construir uma cartografia, o que coloca constantemente a necessidade de me assumir junto aos meus processos investigativos.

Sou acionada a perceber que o estudo se modifica ao longo do percurso de busca por *acontecimentos* relacionados ao tema que coloco em questão (DELEUZE, 1997). Ele torna-se uma janela que guia o caminhar da pesquisa e assume a importância disso; me colocou aberta para possibilidades de reorganização da rota. E é por meio da sensibilidade para esse caminhar em que “escolho isto e não aquilo, porque isto ou aquilo também “me escolheu”” (CORAZZA, 2016, p.99), me utilizo da cartografia enquanto referencial e percurso metodológico, entendendo que as subjetivações estão constantemente afetadas. E é assim que assumo a pesquisa enquanto processo de compreender o que está acontecendo, e não uma busca pela representação da realidade dada.

A cartografia se constrói nas metas produzidas nas pistas que orientam os caminhos e (re) desenham o mapa: “Nesse sentido, a cartografia (sendo um mapa em constante atualização) pode revelar diferentes cenários sociais, trocas simbólicas ou mesmo fluxos comunicacionais, não podendo, assim, seguir protocolos normalizados previamente, uma vez que cada paisagem é única” (ROSÁRIO; COCA, 2018, p.38). E é esse contexto que me leva de encontro ao uso de entrevistas com as crianças moçambicanas. Inicialmente, havia um interesse mais direcionado ao uso das conversas enquanto instrumento de pesquisa, por entender que:

¹ Machambas são espaços de produção agrícola cultivado, em sua maioria, por mulheres moçambicanas, garantindo assim, o sustento da família, o contato com a terra e a transmissão de saberes intergeracionais.



A conversa é, talvez de alguma maneira e em alguma medida, a arte de se fazer presente, de dar o tempo, isto é, de se colocar disponível a ouvir, a escutar, a pensar e partilhar com o outro o que nos habita, fazendo dessa ação não só uma possibilidade de investigação, mas, antes, de transformar-se no próprio ato de investigar (SAMPAIO; RIBEIRO; SOUZA, 2018, p. 36)

Contudo, a percepção dos deslocamentos colocados pelo estrangeirismo, me levam ao uso das entrevistas, entendendo-as aqui em uma perspectiva cartográfica em que: “A entrevista não funciona como procedimento que media o acesso à experiência, ela se efetiva como tal. No lugar de descrever a experiência, de evocá-la como um referente externo, a entrevista aporta em si mesma” (TEDESCO et.al, 2013, p.305). São processos em que não me contento com o entendimento daquele espaço como estático, é movimento e isso “requer que a escuta e o olhar se ampliem, sigam para além do puro conteúdo da experiência vivida, do vivido da experiência relatado na entrevista, e inclua seu aspecto genético, a dimensão processual da experiência, apreendida em suas variações” (TEDESCO et.al, 2013, p.301).

Resultados e Discussão

Apesar de não serem apresentadas neste resumo, é importante pontuar que ao longo da pesquisa, as entrevistas foram realizadas com mães, avós, lideranças comunitárias e avós com a intenção de identificar quem materna na comunidade. Também foram realizadas com as crianças para compreender as práticas de resistência que estão inseridas em seu cotidiano. Entre adultos utilizei a indicação como forma de chegar a cada pessoa, e entre as crianças, realizei conversas com aquelas que desempenham um papel de liderança nas turmas, que me foram apresentadas como professoras auxiliares. A intenção no contato com esse grupo foi realizar conversas de aproximação para identificar as melhores formas a serem experienciadas com as demais crianças, entendendo que “as crianças são a fonte primária de conhecimento sobre suas próprias visões e experiências. Elas podem ser um meio de acesso a outras crianças, inclusive às que podem ser protegidas de adultos ‘estranhos’” (ALDERSON, 2005, p. 436). Desse modo, elas constroem a pesquisa desde a definição das técnicas até as informações. Nesse contexto, foram realizados dois encontros com cada grupo das duas turmas do 5º ano. Cada um deles foi composto por 5 crianças, totalizando 4 meninos e 6 meninas.

E diante desses encontros fui provocada a pensar sobre a necessidade de ouvir os desafios apontados por essas crianças, para assim, ser capaz de compreender os saberes e as práticas arquitetados pelas redes de resistência intergeracionais construídas pelas maternagens negras. A abertura provocada pelo método cartográfico, permite esse movimento, onde não diminui o compromisso com os objetivos da pesquisa, mas possibilita capturar mais elementos a ele associados que são de extrema importância.

Também considerei que a escuta é fundamental para o protagonismo das crianças negras e elas pedem por isso. Foi a partir dessa escuta que cheguei a percepção da importância das machambas no cotidiano daquela comunidade. Na busca por (re)



existências, o cuidado com a terra emerge enquanto saber tradicional de troca fundamental na relação intergeracional.

Após identificar uma divisão do trabalho que também atribuía às mães o cuidado das crianças, passei a instigar as crianças a me falarem sobre a rotina para além da escola e muitas passaram a me relatar que iam com as mães e avós para as machambas.

Figura: Mãe e criança no interior de Maputo



Fonte: CARMO, 2022

Inicialmente, não entendia bem o que seria e as diferenças linguísticas dificultavam o entendimento dessa relação, contudo, fui associando as machambas aos espaços da agricultura familiar, e quando no contato efetivo com as machambas, pude perceber a forte presença de mulheres com crianças, seja no colo ou ao lado, as crianças estavam ali. Um saber tradicional compartilhado no cotidiano, no ato de fazer. Como destacado por Sobunfu Somé (SOMÉ, 2003, p.95) em *O espírito da intimidade*:

Talvez a forma de começar a caminhar na direção de uma vida íntima saudável seja reconhecer o divino em tudo. Quando entendemos que a terra na qual caminhamos não é apenas sujeira, que as árvores e os animais não são apenas fontes para nosso consumo, então podemos começar a nos aceitar como espíritos, vibrando em uníssono com todos os outros espíritos à nossa volta.

A relação humano e natureza pode assumir outros contornos para os povos africanos, e a partir do contato com Somé (2003), passei a me atentar às relações entre a natureza e povos africanos, de modo que a natureza é parte da nossa constituição enquanto corpo-espírito.

Ensinar as crianças sobre os valores desse tipo de contato, não se resume a algo banal e imperceptível no cotidiano, diz sobre um cuidado com a terra que também é um cuidado de si. São relações que garantem o sustento, o acesso ao alimento, e



pelos índices de fome e insegurança alimentar no país, uma informação que não pode ser desconsiderada, apresenta caminhos de sobrevivência.

As crianças moçambicanas daquela comunidade, se orgulham em dizer da machamba: “Tenho a minha própria machamba”. Isso sinaliza para o quanto esse espaço constrói processos de autonomia, como ressaltado por Freire Segundo Freire (1996, p. 59), “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”. E é a partir desse processo que percebo possibilidades de caminhos sociais contra hegemônicos e capazes de reconstituir o modelo violento de sociedade que está em vigência, abrindo caminho para entender que: “A pessoa existe a partir da relação estabelecida no universo, influenciada pela ordem dos seres naturais. Esta finalidade independe dos anseios da pessoa, faz parte da ordem social em comunidade” (CORDEIRO, 2021, p.70).

Conclusões

Sendo assim, considero fundamental destacar a importância da tríade maternagem-infância-agricultura, que também se assume enquanto uma relação comunidade-infância-terra, trazendo a centralidade para os saberes tradicionais. A relação com a terra por sujeitos que acessam esse espaço de modo a estabelecer uma relação que garante o contato das gerações seguintes, é um caminho para traçarmos diálogos indispensáveis na construção de rotas que eliminam a subalternidade e modifiquem a nossa condição de co-existência.

Essa relação é a possibilidade de matrigestar potências capazes de reconhecer na agroecologia, um caminho de sobrevivência que considera as crianças de forma ativa nessa construção. Ensinar uma criança o cultivo da terra é a possibilidade de lhe garantir autonomia e nos colocar diante de outras bases e continuidades.

Referências bibliográficas

ABRAMOWICZ, A.; SILVEIRA, Debora de Barros; Jovino, Ione; Simião, Lucélio Ferreira. Imagens de crianças e infâncias: a criança na iconografia brasileira dos séculos XIX e XX - doi: 10.5007/2175-795X.2011v29n1p263. *Perspectiva*, v. 29, p. 263-293, 2011.

DELEUZE, Gilles. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa, São Paulo: Ed. 34, v.5, 1997.

NOGUERA, Renato. Infância em afroperspectiva: articulações entre sankofa, ndaw e terrixistir. In: *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*. n° 31, mai.-out./2019, p. 53-70.

OYĒWÙMÍ, Oyèrónkẹ. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Td: Wanderson Flor do Nascimento, Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

ROSÁRIO, Nísia Martins do., COCA, Adriana Pierre. *A cartografia como um mapa movente*



para a pesquisa em comunicação. Comunicação & Inovação, v.19, n. 41, set-dez, 2018.

SAMPAIO, Carmen Sanches; RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de;. Conversa como metodologia de pesquisa: uma metodologia menor? In: Conversa como metodologia de pesquisa: por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018, p. 21-40.

SOMÉ, Sobonfu. O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos. Tradução Deborah Weinberg. - 2. ed. - São Paulo: Odysseus Editora, 2007.

TOMIZAKI, Kimi. Transmitir e herdar: o estudo dos fenômenos educativos em uma perspectiva intergeracional. Educação e Sociedade, Campinas, v. 31, n. 111, p. 327- 346, abr.-jun. 2010. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em: 19 mai. 2022.